

SITUAÇÕES DE RECEPÇÃO TEATRAL OBSERVADA POR PIBIDIANAS NA ESCOLA FRANCISCO CARUCCIO

NATÁLIA ALVES BAHR¹; **MARINA DE LIMA LOPES²**; **DIEGO FOGASSI CARVALHO³**
MARIA AMÉLIA GIMMLER NETTO⁴.

¹*Universidade Federal de Pelotas – nataliabahr89@gmail.com* ;

²*Universidade Federal de Pelotas – marinaualtes@gmail.com* ;

³*EMEF Francisco Caruccio – diegofc15@hotmail.com* ;

⁴*Universidade Federal de Pelotas – mamelianetto@gmail.com* .

1. INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), na área de Teatro Licenciatura, coordenado pelas professoras Maria Amélia Gimmler e Vanessa Caldeira Leite, iniciou uma de suas atividades na Escola Municipal de Ensino Fundamental Francisco Caruccio, localizada no bairro Pestano, na cidade de Pelotas/RS, no mês de abril, sob supervisão do professor Diego Carvalho. Por já possuir um professor de teatro na escola há mais de seis anos e ser uma escola sempre aberta à cultura, neste resumo nos propusemos a pensar em algumas situações de fruição cênica no espaço escolar.

A escola recebe com frequência apresentações teatrais, o que contribui para que crianças dos anos iniciais, do ensino fundamental e da Educação de Jovens e Adultos (EJA) tenham acesso a expressões artísticas sem precisar sair do ambiente escolar. Essa vivência amplia o repertório cultural dos estudantes e fortalece a presença do teatro como ferramenta pedagógica.

Desde as primeiras visitas dos pibidianos à instituição, buscamos integrar as ações do programa ao cotidiano escolar, promovendo momentos significativos de interação com a comunidade. Já nas primeiras idas, foi realizada uma apresentação teatral, cujo acolhimento e participação dos alunos evidenciaram a importância do espectador no processo artístico.

¹Natália Alves Bahr, autora deste texto, é graduanda em Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Pelotas, atualmente, no período de escrita deste trabalho, cursa o 6º semestre.

²Marina De Lima Lopes, co-autora deste texto, no presente período de escrita, está no 8º semestre de Licenciatura em Teatro, pela Universidade Federal de Pelotas.

³Diego Fogassi Carvalho é graduado em Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Pelotas desde 2014; concluiu um mestrado em Educação e Tecnologia no Instituto Federal Sul-Rio-Grandense no ano de 2018; possui Pós-Graduação Lato Sensu em Linguagens Verbais e Visuais e suas Tecnologias, também pelo Instituto Federal Sul-Rio-Grandense.

⁴ Maria Amélia Gimmler Netto é professora na Universidade Federal de Pelotas, no curso de Teatro; possui graduação em Licenciatura em Artes Cênicas pela Universidade do Estado de Santa Catarina, mestrado em Artes Cênicas pela Universidade do Rio Grande do Sul e Doutora em Artes Cênicas pela Universidade Federal da Bahia com doutorado sanduíche no *Centro de Ciencias Humanas y Culturales de Madrid* via Capes-Print.

Entendemos que a fruição teatral é necessária na idade escolar, pois aqueles que irão fruir dos bens culturais serão nutridos por eles. Promover uma entre a arte e a realidade é essencial para a formação cidadã na escola.

Sem espectadores interessados nesse debate, o teatro perde conexão com a realidade que se propõe a refletir e, sem a referência desse outro, seu discurso se torna ensimesmado, desencontrado, estéril. Não há evolução ou transformação do teatro que se dê sem a efetiva participação dos espectadores. (DESGRANGES, 2003, p. 27)

Também a professora Ingrid Koudela reforça a importância de garantir espetáculos teatrais, e o quanto este acesso contribui para o desenvolvimento pedagógico cultural dos alunos.

“O espetáculo de teatro gera uma situação de aprendizagem, tanto na relação com o contexto cultural da obra, quanto no contexto cultural do espectador. Você, professor, está entre muitos, irá exercitar a sua atenção ao outro. O outro não é aqui uno, mas múltiplo.” (KOUDELA, p. 13)

Neste trabalho pretendemos descrever as práticas de recepção teatral realizadas pelos pibidianos junto aos alunos da EMEF Francisco Caruccio. Bem como buscamos compreender de que forma essas interações podem contribuir para o desenvolvimento do olhar crítico dos estudantes, para a ampliação de seu repertório cultural e para a criação de vínculos significativos entre a arte teatral e o cotidiano escolar.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Quanto às ações do PIBID, os bolsistas foram organizados em dois grupos, a fim de atender diferentes turmas e demandas da escola. No projeto de teatro extracurricular, foi fundado um grupo teatral na escola, denominado pelos alunos como “Leões sem Juba”, realizado todas às quartas-feiras, das 15h40 às 17h50. Neste, atuam Bento Freitas, Gabriel Falkenberg, Jordana Pias e Marina Lima. Já na turma da EJA, no período noturno, participam das aulas os bolsistas Adriano Lima da Nova, Andrei Sadre, João Gabriel Bessa Martins e Natália Alves Bahr, ampliando o alcance das ações do PIBID e fortalecendo a inserção do teatro em diferentes contextos escolares.

A primeira apresentação teatral na escola, em que foi feita uma reflexão em relação à recepção teatral dos alunos, foi a peça *Kara, Cara A Cara Como O Zé*, da VSQ Cia de Teatro, dirigida pelo professor de teatro da escola, Diego Carvalho. Essa é uma peça infantil que foi apresentada na escola para os alunos das séries iniciais do ensino fundamental, contou com a presença dos pibidianos de teatro da escola Caruccio. Nesse momento foi possível notar a grande empolgação das crianças com a peça, sua postura interativa e alerta para que nenhum trecho da história fosse perdido. Ao fim do espetáculo, as crianças demonstraram um grande interesse sobre o cenário, os figurinos, também, prontamente, foram interagir e conhecer os atores.

A peça que aborda de forma lúdica sobre fake news, provocou uma discussão intrigante nos alunos, eles pareciam intrigados e motivados a tentar descobrir sobre o personagem Zé e a auxiliar a Kara a cumprir seus objetivos. A peça, segundo a sinopse divulgada pela companhia VSQ: “Quando Kara recebe a visita do carteiro, ele se coloca em uma missão perigosa, e deverá entregar a carta para seu verdadeiro destinatário. Porém ao longo do caminho vai percebendo que sua tarefa não será nem um pouco fácil, pois o perigoso Zé Murieta pode atacá-la quando menos esperar. Enfrentando seu medo, com a ajuda de Blergs, seu amigo imaginário, Kara seguirá seu caminho em busca da casa de Zé. Porém nem tudo é o que parece e, junto com um novo parceiro improvável, deverá ajudar a salvar a fauna e a flora da sua rua.” A história guiou os alunos e deu abertura para que eles tivessem uma experiência espectadora ativa, participativa.

O Núcleo Tatá de Dança-Teatro, projeto de extensão da UFPel, promove mostras artísticas a partir de um repertório próprio. O Tata levou o espetáculo *Insevíveis* para a escola Caruccio, com foco nos alunos do ensino noturno. A apresentação aconteceu no ginásio esportivo fechado da escola e contou com diferentes turmas e a presença de alguns professores no público, também os alunos pibidianos do EJA da turma de teatro. ‘ “*Insevíveis*” questiona utilidades das coisas e das pessoas do mundo contemporâneo, é uma obra cênica que se reformula diante do contexto, jogando com a obsolescência dos materiais corporais’. O espetáculo reúne texto, movimentações corporais e a utilização de muitos materiais em sua cenografia, principalmente cadeiras de praia. Elas são os principais instrumentos que compõem o espetáculo, tanto como cenário, como instrumento para ações físicas. Os alunos tiveram interações muito positivas com a apresentação, participaram ativamente das dinâmicas, respondendo perguntas e se inteirando linearmente das cenas apresentadas. Ao fim do espetáculo, os alunos, voluntariamente, quiseram conversar com os artistas. Eles fizeram perguntas sobre o processo criativo e refletiram sobre os significados das cenas apresentadas.

Também foi apresentada a peça “O Auto Por Elas”, resultado do projeto de pesquisa do Laboratório de Dramaturgia (LADRA) da UFPEL, desenvolvida através da ação “Canibalizando O auto da barca do inferno”, de Gil Vicente. A partir do texto vicentino e de improvisações, o grupo construiu uma nova dramaturgia em processo colaborativo, trazendo reflexões sobre a manipulação mercadológica por parte da igreja evangélica, discurso do produtivismo neoliberal, a perda da humanidade diante dos avanços tecnológicos e as incertezas sobre o pós morte. Na direção, Marina de Oliveira e no elenco, Barbara Nunes, Nicole Gonzales e Marina Ualtes, que além de atriz na peça, é uma das bolsistas que atua no teatro dos Leões Sem Juba, na escola. Essa presença em cena tornou a experiência ainda mais significativa para os estudantes, que puderam ver sua professora em outro papel, ampliando as possibilidades de troca e inspiração.

A peça foi apresentada no auditório da escola, e não apenas para os alunos do projeto, mas também por diferentes turmas da escola, reunindo crianças de diferentes faixas, entre 7 e 13 anos. Por essa diferença de idade foi possível perceber como estes olhares são distintos: enquanto os mais novos demonstravam curiosidade e até um encantamento mais pelos aspectos visuais e de movimentações da peça, os mais velhos já conseguiam se aproximar das discussões críticas e simbólicas levantadas pela dramaturgia.

O Auto por Elas ainda foi apresentado para o EJA, no turno da noite, neste caso a recepção já não foi tão positiva quanto às apresentações anteriores. Embora os alunos tenham prestado muita atenção na peça, sorrindo em muitos momentos que consideraram engradados, muitos alunos sentiram-se incomodados por alguns dos temas abordados na peça, como algumas críticas à recortes hipócritas dentro do cristianismo. Sentiram incômodo também em relação a temas familiares, como o abandono paterno. Embora esta reação dos estudantes, não significa a falta de aprendizagem, pelo contrário, evidencia que:

[...] – penso que o teatro não precisa ser educativo para educar. Teatro é educação, é “pedagogia cultural” que veicula sentidos e discursos, que exerce, primordialmente, a imaginação, tanto em atores e diretores quanto nos espectadores, em todos que lançam seus esforços para a realização do fazer teatral. [...] (FERREIRA, 2006, p.15)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que o contato próximo dos estudantes com os bastidores das obras e o preparo do atores, bem como os debates ao final dos espetáculos para tirar dúvidas com os artistas e conhecer o processo de criação dos espetáculos assistidos, coloca em prática a democratização, a preparação e a inicialização dos alunos como público de teatro. Assim como afirma Desgranges: “Democratizar o acesso ao teatro consiste, portanto, em preparar esse espectador iniciante, instrumentalizando-o, tornando-o apto ao diálogo com a obra.” (DESGRANGES, 2003, p. 43).

Fora perceptível o impacto que a recepção dos espetáculos citados, disponibilizados aos alunos, teve para com a receptividade dos alunos com outras novas apresentações, também as reverberações positivas entre os estudantes, como a abertura para o diálogo sobre os temas abordados nas peças, reflexões, o aumento de repertório cultural e a ampliação do senso estético. Além do conhecimento mais aprofundado sobre teatro, a percepção do fazer teatral como profissão, os diferentes métodos de trabalho utilizados pelos artistas para o levantamento e viabilização da construção de um espetáculo.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DESGRANGES, Flávio. **A PEDAGOGIA DO ESPECTADOR**. São Paulo: Hucitec, 2003.

FERREIRA, Taís. **A ESCOLA NO TEATRO E O TEATRO NA ESCOLA**. Porto Alegre: Mediação, 2006.

KOUDELA, Ingrid Dormien. **A IDA AO TEATRO**. São Paulo: Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, 2013.